



HSDPP
Horizon Scanning

DPP Scanning docs

EMERGÊNCIA DE GRANDES ECONOMIAS _SD36

Scanner: Carlos Nunes (cnunes@dpp.pt)

Reviewer: Paulo Carvalho (paulo@dpp.pt)

English Summary:

EMERGENCE OF MAJOR ECONOMIES_SD36 – This trend reflects the increasing and global importance of what we can call an “archipelago of large emerging economies”, which, taking China as the major driving force (not only for its economic and demographic size but also by its impact on the functioning and organization of the international economy), presents a great heterogeneity at the level of its constituent countries and regions regarding their economic and demographic points of depart, their cultural and social dynamics, and even the nature and maturity of the policy and institutional frameworks.

This megatrend presents a mutidimensional nature and its implications are very intense at a national, regional and global scope.

Os “DPP Scanning docs” são parte integrante do projecto “Horizon Scanning DPP”.

Estes documentos organizam, categorizam e analisam forças de mudança (tendências pesadas, tendências, incertezas, sinais fracos e wild cards) de acordo com a seguinte taxonomia: Ambiente; Ciência e Tecnologia; Economia; Empresas; Energia; Geopolítica; Política; Saúde; Sectores de Actividade; Sociedade e Estilos de Vida; Território.

O projecto “Horizon Scanning DPP” é um processo sistemático de identificação, categorização e selecção de informação alertando para tendências, potenciais mudanças de paradigma, disrupções e temas emergentes que possam ser úteis para diferentes tipos de objectivos, aplicações e utilizadores/decisores, encorajando-os a antecipar e compreender melhor o ambiente externo e a forma como o mesmo interage e influencia as respectivas políticas e decisões estratégicas.

Coordenação do projecto “Horizon Scanning DPP”: Paulo Soeiro de Carvalho (paulo@dpp.pt) e António Alvarenga (antonio@dpp.pt).

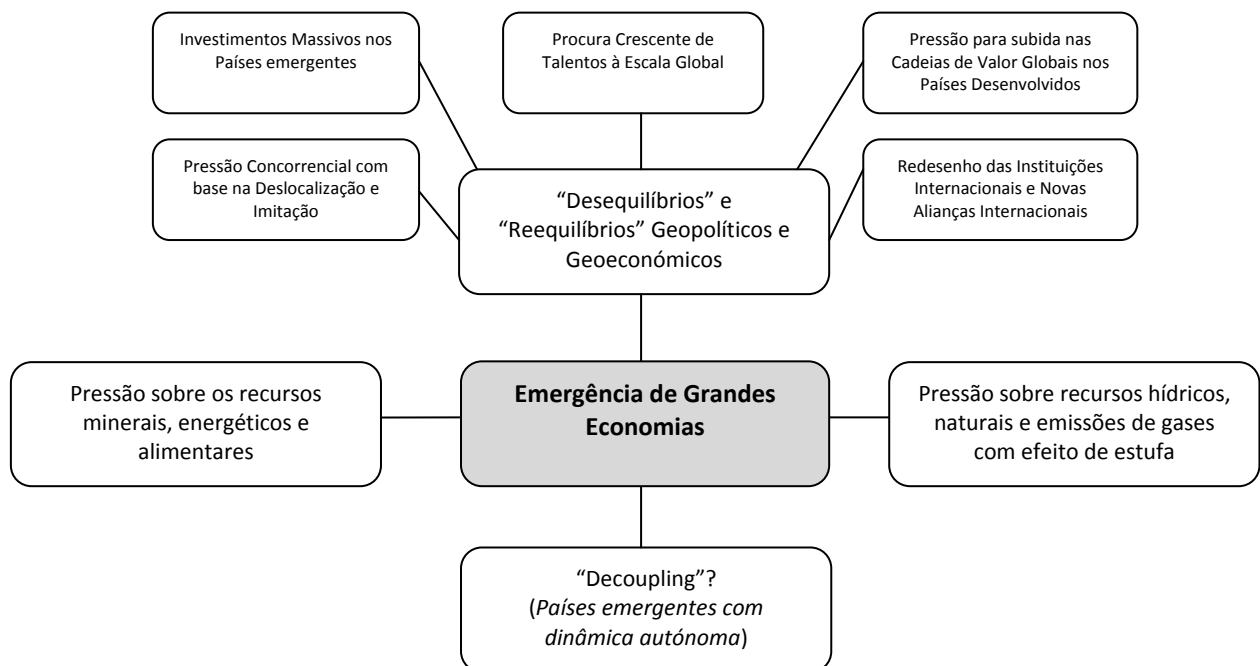
1. **Categoria: Tendência pesada**
2. **Data: Outubro de 2010**
3. **Tema: Economia / Sub-Tema: Globalização; Competitividade**
4. **Descrição:**

Esta tendência pesada reporta-se à evolução recente e perspectivas futuras de crescimento sócio-económico particularmente favoráveis que se antecipam relativamente a um grupo privilegiado de grandes actores nacionais e regionais e cujas implicações são muito intensas e de amplitude global.

Esta tendência traduz a importância crescente de um arquipélago de potências emergentes de grande dimensão, o qual, tendo a China à cabeça (não apenas pela sua dimensão demográfica e económica mas também pelo seu impacto no funcionamento e organização da economia internacional), apresenta uma grande heterogeneidade ao nível dos países e regiões constituintes no que respeita aos pontos de partida em termos económicos, respectivas dinâmicas demográficas e culturais, desequilíbrios culturais ou ainda a natureza e maturidade dos modelos políticos e institucionais.

De forma sintética, a figura seguinte procura colocar em evidência a amplitude transversal e multi-dimensional que esta tendência pesada tem vindo a colocar a uma escala global.

Figura 1: Emergência de Grandes Economias – Amplitude Global e Impacto Multidimensional

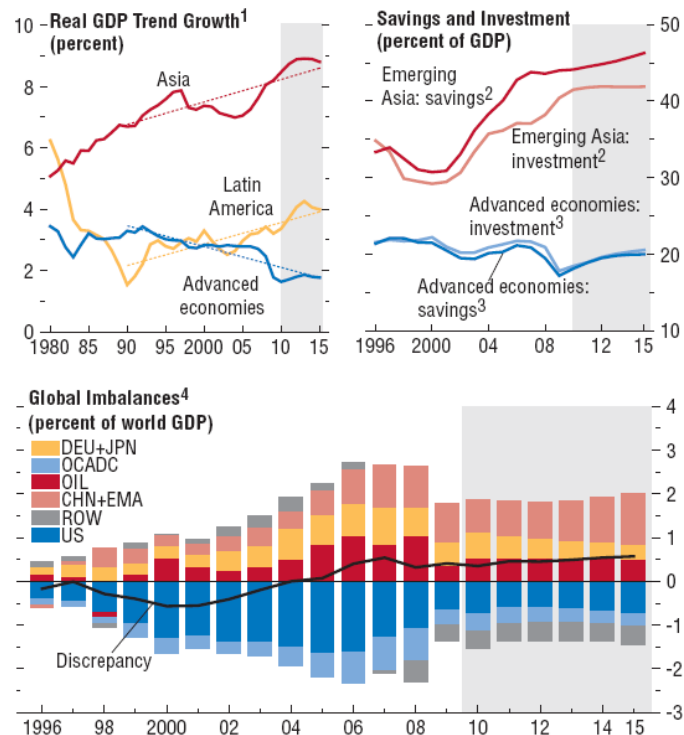


Fonte: Elaboração própria.

A emergência destas grandes economias tem vindo a exercer uma alteração profunda nos equilíbrios geopolíticos (o aparecimento de entidades plurinacionais como o G-20 evidenciam estas mudanças) e geoeconómicos (recomposição dos investimentos e fluxos de bens e de serviços acompanhando

fenómenos massivos de deslocalização de actividades económicas e empregos, forçando uma alteração acelerada no perfil de especialização das economias ocidentais com uma ênfase particular na necessidade de elevação das respectivas posições nas cadeia de valor de âmbito global). A Figura seguinte permite ter uma percepção destes desequilíbrios globais através das diferenças na evolução do PIB, poupança e investimento em diferentes regiões do Mundo.

Figura 2: Desequilíbrios Globais



Legenda:

¹ Os dados do crescimento do PIB real no período 1980-2015 estão "de-trended".

² China, Índia, Indonésia, Malásia, Paquistão, Filipinas, Tailândia.

³ Austrália, Canadá, República Checa, Dinamarca, Zona Euro, Hong Kong, Israel, Japão, Coreia, Nova Zelândia, Noruega, Singapura, Suécia, Suíça, Taiwan, RU, EUA.

⁴ DEU+JPN: Alemanha e Japão; OCADC: Bulgária, Croácia, República Checa, Estónia, Grécia, Hungria, Irlanda, Letónia, Lituânia, Polónia, Portugal, Roménia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Turquia e RU; OIL: Exportadores de petróleo; ROW: Resto do Mundo; US: Estados Unidos.

Fonte: World Economic Outlook (WEO), "Recovery, Risk, and Rebalancing", October 2010. (a)

Uma segunda questão que tem vindo a surgir com a emergência destas grandes economias e que deriva em parte dos "Desequilíbrios" e "Reequilíbrios" acima referidos, relaciona-se com a possibilidade de estarmos a assistir a um processo de "decoupling", o qual se traduz na possibilidade dos países emergentes sustentarem uma dinâmica de crescimento e desenvolvimento económico que poderá ser relativamente independente do ritmo de crescimento dos países e regiões desenvolvidos.

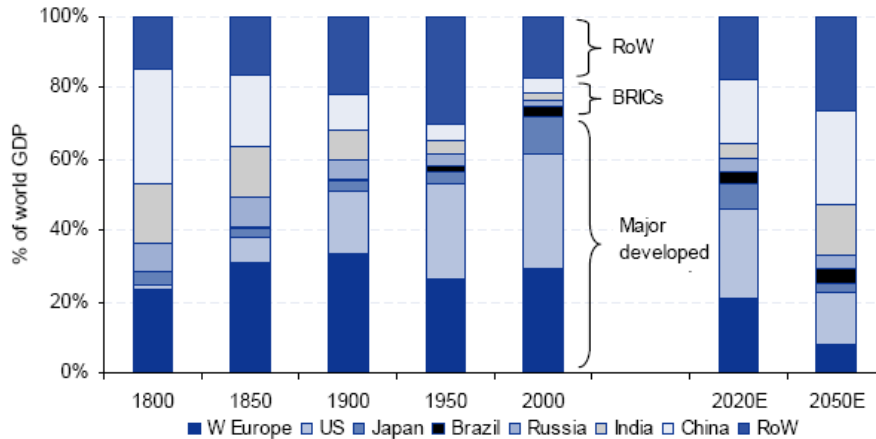
Outra área de impacto desta tendência pesada relaciona-se com o facto do crescimento acelerado de algumas destas grandes economias (em particular a China) ser gerador de fortes riscos ambientais, os quais se traduzem numa forte pressão sobre recursos hídricos e num volume maciço de emissões de gases com efeito de estufa.

Refira-se ainda a pressão crescente que esta tendência tem vindo a exercer sobre a disponibilidade de recursos minerais, energéticos e alimentares a uma escala global, contribuindo de forma decisiva para que questões como a segurança energética ou a segurança alimentar sejam cada vez mais desafios cruciais para o futuro de países e regiões em todo o mundo.

Uma boa via para captar a magnitude destas alterações é proporcionada pelo gráfico abaixo que apresenta as *performances* acima evidenciadas pelos grandes actores nacionais que mais se têm destacado neste processo, que surgem enquadrados sob o acrónimo BRIC_s (Brasil, Rússia, Índia e China), sendo de realçar que a inclusão do referencial histórico ajuda a recuperar uma dimensão esquecida, a de que a relação de “forças” no mundo em que temos vivido era muito distinta há uns meros dois séculos atrás.

Figura 3: Os grande países desenvolvidos nem sempre foram dominantes

(Parcela do PIB Global por região; os anos de 2020 e 2050 baseiam-se em estimativas da Goldman Sachs)



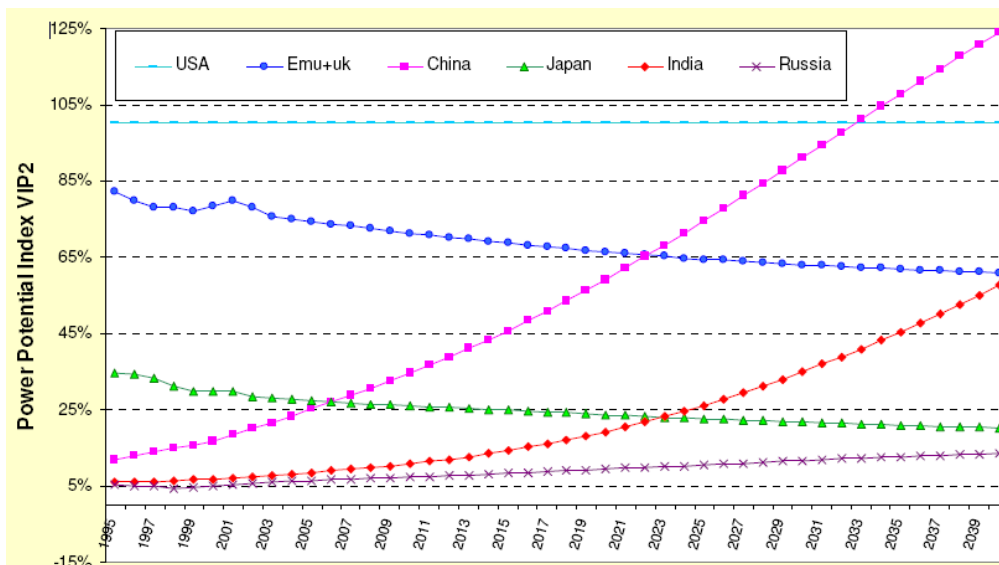
Fonte: *The Brics Nifty 50: The EM & DM Winners*, p. 8 (Goldman Sachs, November 2009 (b)).

Nota: BRICs corresponde a uma expressão “cunhada”, em 2001, pela fonte em referência, importando salientar que esta classificação se afigura inadequada à Rússia.

Assim, se a um nível imediato, o principal suporte deste enfoque corresponde ao comportamento da vertente económica, importa acrescentar, num plano mais analítico-instrumental, a evolução do “Índice Global de Competitividade” (d), ainda que, numa óptica mais enquadrante, o que está em causa seja a reconfiguração dos pesos geo-estratégicos dos grandes parceiros nacionais e, numa óptica temporal mais alargada, quiçá, a redefinição da própria liderança política à escala mundial.

A última ordem de questões pode ser expressa através do apuramento de indicadores como o “Índice de Poder”, relativamente ao qual A. Virmani, autor que segue a inspiração de P. Kennedy, antecipa, no horizonte 202540, as possibilidades de evolução que se apresentam no gráfico seguinte:

Gráfico 2 – A emergência da tripolaridade ou da multipolaridade?



Fonte: *Global Power from the 18th to the 21st Century, Power Potential (VIP2), Strategic Assets & Actual Power (VIP)*, ICRIER, 2005 (e).

Aceitando as premissas em que se baseiam as projecções apresentadas no gráfico anterior, que procura traduzir o índice de poder (económico) relativo de cada uma das nações analisadas, tomando como referencial os EUA, temos que no início da década de 30 do actual século, a China passará a liderar este *ranking* global, surgindo a Índia como potência igualmente emergente mas longe de ombrear quer com o líder histórico (EUA) quer com o prospectivo (China).

5. **Palavras-chave:**

Emergência de grandes economias; desenvolvimento; sub-desenvolvimento; poder económico; poder político; geoestratégia, geopolítica; competitividade; globalização; comércio internacional.

6. **Indicadores de alerta:**

- Dinâmica diferenciada e continuada dos ritmos de crescimento económico, sendo de assinalar as *performances* no período pós-crise da China e da Índia, face às evoluções registadas e antecipadas em relação aos EUA e aos países da EU, que redundam, respectivamente, em ganhos, no mínimo, superiores a 5%, para aqueles países asiáticos, que contrastam com previsões de crescimento para as economias ocidentais que, na melhor das hipóteses, são “anémicas” (f);
- Dinâmica tecnológica, de inovação e qualificação do factor humano e ritmo de mudança da composição do investimento, vertente que passamos a ilustrar mediante a apresentação dos seguintes indicadores:
 - ✓ Em 2008, a China era o terceiro receptor no domínio do IDE, representando 6.4% do total mundial, caso se adicionasse os valores relativos aos 3 restantes BRICs, a parcela que lhes corresponderia ascenderia a 15.6% (g);
 - ✓ Em 2007, a parcela da China no comércio internacional de bens e serviços com alto conteúdo tecnológico, ascendia a 9.7% do respectivo total, ocupando o primeiro lugar à escala global, posição que ocupa desde 2004, devido a um ritmo elevadíssimo e sustentado das exportações que, desde 1996, registaram ganhos anuais da ordem dos 30% (g);
 - ✓ No triénio 2004-2006, cerca de 5% de todas as patentes farmacêuticas foram registadas na China e na Índia (g).
- Aquisição de interesses externos relevantes (de natureza financeira, empresarial, tecnológica), num contexto onde avulta o papel fulcral da China enquanto financiador da economia americana. Importa referir que se trata de um comportamento mais centralizado e unidireccional do que o seguido pela Índia, sendo, em geral, as empresas chinesas apoiadas por bancos públicos e tendo como objectivos a aquisição de activos estratégicos relacionados com recursos escassos, como o petróleo (que podem passar pela presença directa, sobretudo, em África ou na Ásia, ou por aquisições, caso da Addax), ou com a ascensão na cadeia de valor que podem, também, envolver aquisições de marcas consagradas (ex. IBM/ Lenovo e Volvo/Geely);
- Acordos estratégicos entre grandes economias emergentes/ parcerias a nível internacional
No caso da China através da celebração, nomeadamente, de várias parcerias estratégicas com a África, a EU e com alguns dos seus países constituintes tomados individualmente (caso de Portugal), com o Brasil (reforçada recentemente na sua componente energética), com a Rússia, com o Irão e com a Índia, isto sem esquecer o empenhamento deste país nos fóruns de dialogo global e asiático como a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), e a SCO (Organização de Cooperação de Xangai) enquanto a Índia estabeleceu acordos semelhantes com os EUA, com a UE, com o Brasil e com a África do Sul (i).

7. **Impactos potenciais:**

Perante quadros diferenciados de partida e de capacidade de ruptura e de afirmação global também muito díspares, que correspondem aos quatro casos que classicamente são reportados neste domínio,

importa agregar alguns efeitos potenciais e cuja amplitude, em princípio, se relacionará com o quadro temporal de análise, pelo que privilegiaremos:

- A reconfiguração do poder e dos posicionamentos geo-estratégicos à escala planetária;
- A sustentabilidade, em termos latos (geo-políticos, ambientais e económicos), de um novo quadro em afirmação/recomposição;
- As alterações no nível e nas condições de vida das populações nos países emergentes, sobretudo, dos que apresentarem dinâmica mais vincada;
- As mudanças nos centros de acumulação e decisão em termos empresariais;
- Alterações nas “regras do jogo” e nos enquadramentos institucionais globais (padrão monetário e das organizações de “regulação como a OMC, FMI, OIT, BM).

8. Exposição à Força de Mudança:

Com base em realidades sócio-económicas muito distintas e em apostas também muito diversas, a China, a Índia e o Brasil, obtiveram, ao longo da primeira década do século XXI, níveis de crescimento económico igualmente díspares que, em comum, não deixaram de reflectir uma certa “imunidade” face à crise económico-financeira de 2008-2009, apreciação que é especialmente válida em relação ao primeiro daqueles países.

Com efeito, no que respeita à China, poderemos tomar como factores especialmente relevantes a industrialização acelerada e a conquista dos mercados mundiais (a quota-parte deste país no Valor Acrescentado da Indústria deverá, nos vinte anos compreendidos entre 1997 e 2017, passar de uma posição subalterna para a liderança global), enquanto na Índia, prevaleceu o crescimento endógeno e uma certa especialização na prestação de serviços baseados nas TICs. Por sua vez, a mais recente afirmação do Brasil comporta, para além do crescimento do mercado interno, o aproveitamento do factor terra que permitiu uma certa afirmação nos mercados das matérias-primas agrícolas e do *agrobusiness*.

No entanto, estes três casos não esgotam as perspectivas de crescimento dinâmico à escala mundial, apresentando a mesma fonte, uma “geração” adicional de potenciais seguidores, denominados N-11 (acrónimo de *Next 11*), onde se enquadram o México, a Indonésia, a Nigéria, a Coreia do Sul, a Turquia, o Vietname, as Filipinas, o Irão, o Egipto, o Paquistão e o Bangladesh.

A própria Goldman Sachs, tendo presente a dimensão populacional como critério dominante para a selecção destes países, reconhece a heterogeneidade destes casos nacionais, tanto na óptica das potencialidades quanto das fraquezas envolvidas, em especial, no que respeita a dotação em infra-estruturas, qualificações do capital humano e tecnologias (**b**).

9. Drivers e Inibidores:

Neste tópico organizamos a apresentação de um conjunto seleccionado de drivers e inibidores da tendência pesada em torno dos quatro países que formam o acrónimo BRIC, respectivamente, a China, a Índia, o Brasil e a Rússia.

CHINA

Drivers:

- Grande capacidade concorrencial e de afirmação no mercado global, evidenciadas num número crescente de domínios da actividade económica (a China ocupa o 29º lugar no Global Competitiveness Index 2009-2010);
- Papel central do Investimento Directo Estrangeiro no processo de crescimento, em particular, de capitais de chineses ricos “emigrados” (*overseas chinese*) e das multinacionais;
- Pragmatismo das soluções implementadas tanto no plano interno quanto externo, importando enfatizar, neste último âmbito, a conjugação das acções do poder político e dos meios empresariais na conquista de mercados colocando, inclusive, em cheque as políticas preconizadas pelas instituições internacionais no apoio ao desenvolvimento (caso do IMF, em Angola);

- Sustentabilidade endógena do processo de crescimento, dada a capacidade de poupança interna e externa, sendo de ressaltar, quanto a esta última vertente, a acumulação de elevados excedentes na balança de pagamentos (depois drenados para os mercados financeiros dos EUA);
- Mercado consumidor com enorme potencial, dada a sua extensão populacional, superior a 1300 milhões de indivíduos, a apetência e o empenhamento do povo nos valores consumistas (o valor colectivo do consumo);
- Recurso histórico a uma política de afirmação gradualista no plano externo, visando a acumulação de forças e evitando conflitos (reconhecimento das fragilidades existentes), mas salvaguardando e justificando o essencial das suas posições na base do que se designa por *soft power*;

Inibidores:

- Demografia, dado, sobretudo, os efeitos que, no longo prazo, terá a continuada política de “uma família - um filho” que determinará o envelhecimento da estrutura da população e, num plano secundário, a existência de desequilíbrios na repartição entre sexos;
- Sistema político, acusando a crescente falta de sintonia com a lógica dos mercados e das sociedades de consumo, situação ainda agudizada pela capacidade de reconfiguração que os meios de comunicação vieram introduzir na interacção social (ainda que a recente crise financeira possa ter esbatido o conteúdo desta crítica “ideológica”);
- Disparidades crescentes nos graus de desenvolvimento económico-social entre o interior e o litoral, onde se evidenciam o desrespeito pelos direitos mais elementares de extensas populações, nomeadamente, de populações rurais desalojadas e, noutra óptica, a erupção de eventuais antagonismos políticos, tendentes à fragmentação do bloco no poder;
- Debilidade no plano da dotação dos recursos naturais básicos, (água e hidrocarbonetos) avultando, no primeiro caso, uma distribuição muito desigual no espaço nacional e, no segundo caso, reservas em petróleo e gás natural que correspondem a uma posição subalterna à escala mundial, situação que se tenderá a traduzir em crescente dependência e exposição externas, potenciando conflitos com outros competidores;
- Desenvolvimento económico não regulado no que respeita ao ambiente, redundando na existência de problemas perenes nesta “frente”, consequência de um processo onde a indústria pesada e a geração de electricidade baseada no carvão continuam a ser fulcrais, o que coloca sérias dúvidas relativamente à sustentabilidade de um modelo de crescimento que não salvaguardou os recursos hídricos, a qualidade do ar e a degradação e erosão dos solos (j);
- A capacidade tecnológica endógena, no geral, ainda incipiente e dependente de soluções de terceiros a que, noutro plano, acrescem o recurso a um sistema financeiro “centralizados” e pouco sofisticado (c) (k) (l).

INDIA

Drivers:

- Imensidão demográfica (mais de 1100 milhões de habitantes), recobrando uma grande heterogeneidade cultural e civilizacional, e constituindo a base para uma oferta de mão-de-obra barata e relativamente especializada, ainda que este mercado seja marcado por alguma rigidez;
- Especialização internacional centrada na oferta de serviços informáticos (funções de back-office, tirando partido das relações da diáspora com Silicon Valley e da criação de instituições públicas especializadas, os Institutos Tecnológicos), e nalguns nichos industriais com elevado potencial de crescimento (ex., biotecnologia);
- Recente reforço da dinâmica económica, sustentada, mesmo no contexto da recente crise económico-financeira, com o crescimento do PIB, no segundo semestre de 2009, a superar a fasquia dos 6%;

- Empresariado de raiz essencialmente endógena, revelando criatividade e boa capacidade de cálculo (os grupos privados indianos adquirem já uma certa expressão à escala global, casos da Tata e da Reliance);
- Quadro político democrático, denotando invejável estabilidade histórica moldado, no plano institucional, sobretudo, no figurino da potência colonizadora, o Reino Unido;
- Facilidade de relacionamento internacional, que se alarga quer aos EUA quer ao chamado “terceiro mundo” (posicionamento e alianças históricas no quadro da ONU);

Inibidores:

- Nível de desenvolvimento económico e de qualificação/escolaridade do factor humano (134º lugar no ranking global do Índice de Desenvolvimento Humano de 2009, correspondendo-lhe o escalão de desenvolvimento médio);
- Extensão ainda muito considerável do sector agrícola, com permanência de “bolsas” de pobreza consideráveis, aliada à incapacidade histórica de afirmação no plano industrial, um sector estruturalmente muito débil (o país só conheceu esta etapa do crescimento económico de forma muito esbatida);
- Debilidade considerável no domínio infra-estrutural, aqui se compreendendo as de natureza física (mobilidade e energia), importando referir que este país sofre de um severo deficit neste domínio;
- Governance, que, até data recente, parece ter sido pautada mais pela salvaguarda de equilíbrios e interesses estabelecidos do que pela procura da ruptura com o sub-desenvolvimento gritante (a famosa *hindu rate of growth* dos anos sessenta a oitenta do século passado);
- Debilidade dos recursos em água (um problema complexo que será ainda agudizado no futuro) e em hidrocarbonetos (reservas ainda mais subalternas que as da China), situação agravada pelo mau relacionamento com a generalidade dos países vizinhos, que constitui um factor adicional de entrave à criação de redes de abastecimento por parte de fornecedores regionais **(c) (m)**.

BRASIL

Drivers:

- Crescente dinâmica económica, mesmo num contexto de vincada crise internacional, com considerável melhoria dos “fundamentais” e manutenção da estabilidade macroeconómica (p. e., em poucos anos, as contas externas passaram da insolvência representando -33% do PIB, para a detenção das 7ªs reservas à escala global);
- Abundância de matérias-primas estratégicas (minerais e energéticas, sendo de relevar os êxitos recentes consubstanciados na descoberta de extensas reservas de crude e de gás natural). e de solos aráveis, em que ocupa a 4ª posição à escala planetária, constituindo este último factor a base que permite que as exportações de cereais e carne representem cerca de 50% dos totais mundiais respectivos, isto num contexto marcado pela consolidação da competitividade do *agrobusiness* nacional;
- Boa posição para capitalizar a implementação das políticas de eficiência no uso do carbono, situação que decorre das enormes reservas de água potável e da assinalável biodiversidade associadas às florestas húmidas (*rain forests*);
- Força crescente de um conjunto de grandes empresas nacionais que, no plano internacional, vêm reforçando as suas posições em vários sectores de actividade, exemplos da CVRD (mineração), da Petrobrás (hidrocarbonetos), da Gerdau e da CSN (aço), da Embraer (aeronáutica), da Votorantim, da Camargo Corrêa e da Odebrecht (construção , obras públicas e minerais não metálicos), e da Anacruz (pasta e papel);
- Perspectivas demográficas relativamente favoráveis, nomeadamente, no que respeita ao crescimento da força de trabalho, bem como à estrutura etária e ao rácio de dependência;

Inibidores:

- Desempenho económico modesto, no passado recente, face aos outros BRICs (*underperformer*), em termos de acumulação de capital e do crescimento da produtividade total dos factores; reconhecendo-se, no entanto, a ocorrência de alterações substantivas, nos últimos anos e com perspectivas de reforço futuro (energia, Olimpíadas de 2016 e redução do peso do Estado);
- Embora se reconheça alguma melhoria nos últimos anos, a economia permanece demasiado fechada face ao exterior, sendo necessário adoptar políticas sustentadas de integração e de *governance* (ex. redução de custos regulatórios e das elevadas tarifas alfandegárias, revisão do papel do Mercosul e da preferência pelas relações Sul-Sul);
- Necessidade de melhorar a qualidade da educação, sendo de considerar que a recente adopção da “bolsa família” poderá ter efeitos favoráveis na melhoria do capital humano e resolução dos problemas ligados com a permanência de elevados níveis de pobreza e desigualdades sociais (embora se reconheça a introdução de algumas correcções no pós 2001);
- Necessidade de introduzir reformas no plano estrutural, processo que defronta os obstáculos decorrentes da atomização do poder inerente aos sistemas políticos multi-partidários;
- Reduzido nível das despesas com I&D, a que acresce reduzida dotação em infra-estruturas de transporte, nomeadamente, no âmbito da agricultura, sector cujo quadro legal da governação dos organismos geneticamente modificados é tomado como incerto (c) (n) (o).

RÚSSIA**Drivers:**

- Recursos muito amplos no domínio dos hidrocarbonetos (em 2008, as reservas em gás natural e em petróleo representam, respectivamente, 43.3 (1º lugar), e 6.3% (6º lugar) dos respectivos totais mundiais);
- Enorme disponibilidade de solos férteis (20*10⁶ ha), e possibilidades de melhorar a eficiência dos solos em uso;
- Recurso a um planeamento estratégico mais flexível e adaptativo, tendo em vista a promoção da estabilidade, competitividade e previsibilidade;
- Nível relativamente reduzido do endividamento externo, na actualidade, um indicador que há menos de 20 anos acusava uma situação de bancarrota.

Inibidores:

- *Establishment* autocrático, “rentista” e imobilista, em coexistência com vincadas disparidades nos domínios regional e social (ex., o agravamento do índice de pobreza que, no presente ronda 15% da população);
- Fragilidade institucional, falta de “cultura legal” e elevados níveis de corrupção (146º lugar em 180 países no ranking da Transparency International referente a 2009);
- Demografia declinante (redução da população activa e da taxa de natalidade, doenças e problemas emigratórios);
- Natureza cíclica do crescimento económico, em larga medida dependente da evolução dos mercados dos hidrocarbonetos (vide a grande dinâmica de crescimento nos anos anteriores a 2008 e o subsequente afundamento estimando-se, para 2009, uma queda do PIB de 8.7 %);
- Persistência de complexos problemas no sector industrial, evidenciando graves problemas de reconversão (persistência de baixos níveis de produtividade, reduzida diversificação, falta da capacidade de gestão e de *know-how*, e excessiva subalternidade das PME);
- Carência de infra-estruturas (físicas e digitais), e ausência de um sistema nacional de inovação;
- Reduzida atractividade para o IDE (agravado pelo registo recente de incumprimentos), (c) (p) (q) (r).

10. Principais Actores /Stakeholders (exemplos):

O acrónimo BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) criado em 2003 pelo banco de investimento norte-americano Goldman Sachs identificou as maiores economias emergentes. No entanto, é possível identificar outras economias, as quais, embora muito distintas umas das outras, poderão pela sua dimensão populacional e potencial de desenvolvimento económico assumir uma relevância crescente na economia e geoeconomia internacional ou regional ao longo dos próximos anos (vd. Egipto, Indonésia, México ou Turquia, entre outras).

11. Horizonte temporal: em curso e com crescente importância nos últimos 20 anos. Tal como referido no ponto 7., estamos colocados perante uma tendência que não deixará de ter implicações quer no plano abstracto (do poder em sentido estrito), quer no concreto (condições de vida e relacionamentos/posturas dos diversos povos, sobretudo, dos com maior expressão), a qual deverá adquirir especial expressão no longo prazo mas que, numa escala temporal mais reduzida, não ficará imune a ajustes de carácter mais pontual.

12. Probabilidade:

Muito elevada, ainda que importe obviar uma postura fatalista, pouco indicada em função da natureza inerente a esta problemática, condicionada pelo “jogo” de múltiplos factores cujo devir é incerto e, até, por precedentes históricos registados em fase recente, caso da incapacidade de afirmação do Japão no plano global.

13. Fontes¹:

- (a) World Economic Outlook (WEO), “Recovery, Risk, and Rebalancing”, October 2010. **(2)**
- (b) *The Brics Nifty 50: The EM & DM Winners*, p. 8, Goldman Sachs, November 2009. **(3)**
- (c) *BRICS and Beyond*, Goldman Sachs, 2007. **(3)**
- (d) K. Schwab et al., *The Global Competitiveness Report 2009-2010*, WEF, 2009. **(3)**
- (e) A. Virmani, *Global Power from the 18th to the 21st Century*, ICRIER, 2005. **(2)**
- (f) IMF, *World Economic Outlook, October 2009*. **(2)**
- (g) UN, *World Investment Report 2009*. **(3)**
- (h) *OECD Science, Technology and Industry Scorecard 2009*. **(3)**
- (i) Luís Tomé, *Geopolítica da Ásia e da China, Janus 2006*. **(2)**
- (j) K. Mackenzie, *Will China’s environmental problems affect its growth?*, FT, 30 March 2010. **(1)**
- (k) WEF, *China and the World: Scenarios to 2025*, WEF, 2006. **(2)**
- (l) OECD, *China*, OECD Economic Surveys, Volume 2010/6, February 2010. **(2)**

¹ É utilizada a seguinte tipologia para classificar as fontes: marginais ou *fringe* **(1)**; generalistas ou *mainstream* **(2)**; especializadas ou *expert* **(3)**.

- (m)** WEF, *India and the World: Scenarios to 2025*, WEF, 2005. **(2)**
- (n)** Lael Brainard et al., *Brazil as an Economic Superpower?*, Brookings Institution Press, 2009. **(2)**
- (o)** Markus Jaeger, *Brazil 2020*. DBR, November 2009. **(2)**
- (p)** WEF, *Russia and the World: Scenarios to 2025*, WEF, 2006. **(2)**
- (q)** Transparency International, *2009 Corruption Index*, T.I., 2009. **(1)**
- (r)** Nicolai Petro, *The Great Transformation: How the Putin plan Altered Russian Society*, ISPI Policy Brief, N. 132, May 2009, ISPI. **(1)**

As ideias expressas nesta publicação são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, não traduzindo qualquer posição oficial do Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais.

DPP - Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais (MAOT)

www.dpp.pt

